

As panquecas de Mama Panya

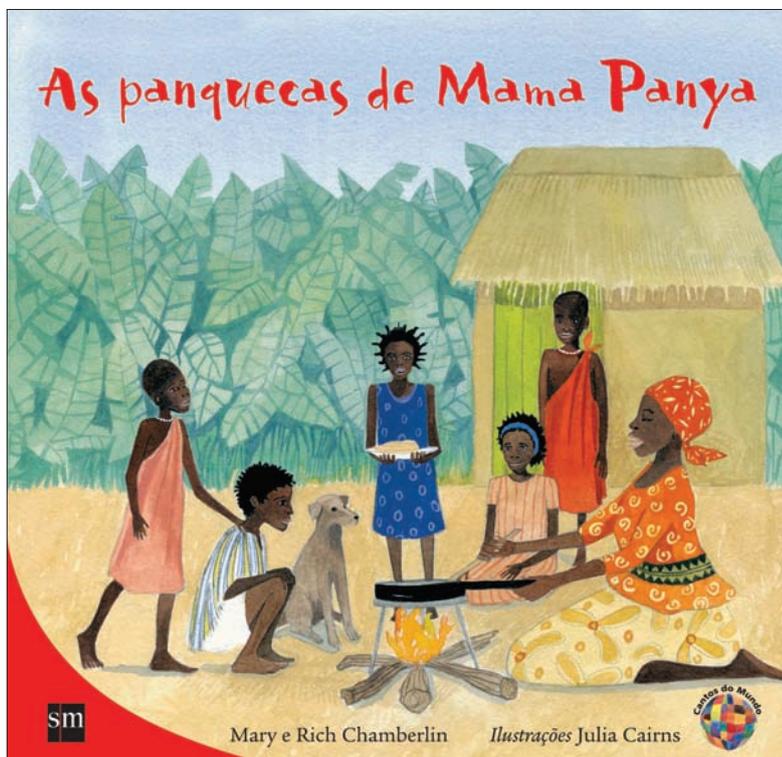
Mary e Rich Chamberlin

Ilustrações Julia Cairns

Tradução Cláudia Ribeiro Mesquita



GUIA DE LEITURA
PARA O PROFESSOR



48 páginas



A HISTÓRIA



TEMA

Solidariedade, generosidade e vida comunitária: estes são os temas deste livro. A história, que se passa no Quênia, mostra que, quando se pode contar com os amigos, os problemas se resolvem sem muita dificuldade.

Na África, compartilhar uma refeição com os amigos é muito importante. Quando várias pessoas contribuem para que essa refeição seja possível, o espírito fraterno é maior ainda. De fato, a mensagem principal do livro é: o que importa não é quanto a pessoa tem, mas sua disposição em compartilhar isso com os outros; basta querer dividir o que se possui (pouco ou muito) para receber a mesma gentileza de volta.



2008996274964

O LUGAR

Fatos geográficos e históricos

Situado na África oriental, o Quênia faz fronteira com a Etiópia (ao norte), o Sudão (a noroeste), a Somália (a leste), a Tanzânia (ao sul) e Uganda (a oeste). A oeste, fica ainda o lago Vitória, que pertence ao Quênia e outros dois países (Tanzânia e Uganda) e é o terceiro maior do mundo. A sudeste, no oceano Índico, fica o litoral queniano, onde se localiza Mombassa, a cidade mais importante do país (devido ao turismo), que abriga o maior porto da África oriental. A capital, Nairóbi, fica no centro do Quênia e reúne muitas escolas, universidades e hospitais.

A população queniana, de cerca de 35 milhões de habitantes (pouco menos que a do Estado de São Paulo), não se distribui uniformemente pelo país (que é menor que Minas Gerais). Ela concentra-se no sul e no centro do Quênia; o norte é a região menos povoada. São comuns as aldeias com poucos moradores, como a que está retratada em *As panquecas de Mama Panya*.

A geografia física é diversificada. Acima da linha do equador, o relevo se caracteriza pelas planícies. Ao sul, destacam-se as montanhas; ali, a 5.895 metros de altitude (o ponto mais alto da África), está o monte Kilimanjaro, próximo à fronteira com a Tanzânia. Esse pico, que pode ser escalado sem nenhum equipamento especial, ergue-se em meio às savanas, onde vivem leões, girafas, elefantes, gnus (antílopes encontrados no leste da África), zebras, macacos, girafas, hipopótamos, búfalos e flamingos, entre outros animais que atraem turistas do mundo inteiro. O monte Quênia é a segunda montanha mais alta da África.

RESUMO

A história se passa no Quênia, país do leste da África (ou África oriental). *Mama Panya* e seu filho, Adika, se preparam para ir ao mercado. Adika veste sua melhor roupa, e *Mama Panya* guarda as panelas, pega a bolsa e calça as sandálias. Quando Adika pergunta à mãe o que ela vai comprar no mercado, a resposta é: “Um pouco e um pouquinho mais”. O menino imagina que a mãe fará panquecas, e ela confirma que a intenção é justamente essa.

No caminho, mãe e filho encontram vários amigos e vizinhos, entre os quais *Mzee Odolo*, *Sawandi*, *Naiman*, *Gamila*, *Bwana Zawenna* e *Rafiki Kaya*, que acabam sendo convidados por Adika a comer panquecas com eles. *Mama Panya* fica preocupada, temendo que a comida não seja suficiente para alimentar todos eles. Afinal, ela dispõe de apenas duas moedas para comprar os ingredientes de que necessita para as panquecas.

Entretanto, os convidados chegam trazendo, um a um, alimentos para incrementar a refeição: leite, manteiga, farinha, peixe, banana, sal e cardamomo, usado como condimento. Eles comem à sombra de um baobá, árvore da qual tudo se aproveita, desde as folhas até o tronco. Em seguida, *Rafiki Kaya* toca seu *mbira* (piano de dedo polegar), e *Mzee Odolo* canta para completar a confraternização. Logo fica claro que as panquecas satisfazem a todos os convidados e que novos encontros virão para comemorar a solidariedade na aldeia africana.

A caminho do mercado, Adika e *Mama Panya* vêem lagartos, acácias, baobás, gado bovino e outros animais e plantas comuns na região.

Os principais produtos agrícolas são chá, café (importantes para a exportação), milho, trigo, laranja, banana, abacaxi, abacate, girassol, soja, sisal, algodão, coco, cana-de-açúcar, batata, tomate, cebola, arroz, feijão, mandioca e caju.

A indústria queniana produz plásticos, derivados de petróleo, tecidos, cimento, produtos metalúrgicos e alimentos processados. A economia também depende muito do turismo, sobretudo no litoral, em Mombassa, e na savana.

O Quênia esteve sob domínio da Inglaterra durante mais de setenta anos e só obteve a independência em 1963. ▶



Hábitos e costumes

O Quênia é formado de diversas sociedades, cada uma com língua e cultura próprias. O idioma mais usado no país é o *kiswahili*, que significa “falando a língua do povo do litoral” (a palavra árabe *swahili* significa “litorâneo” e originariamente descrevia as pessoas que os comerciantes árabes visitantes encontravam ali). O *kiswahili* é uma mistura do banto com o árabe. Como outros países da região falam a mesma língua, isso facilita a comunicação entre eles e possibilita certa identidade cultural.

Alguns termos do *kiswahili* têm origem no português: *leso* vem de lenço; *meza*, de mesa; *mvinyo* (pronuncia-se “imvinho”), de vinho; *parafujo* (pronuncia-se “parafudjo”), de parafuso.

Falam-se ainda o inglês e diversas outras línguas e dialetos locais.

A culinária é rica e varia de acordo com a região e com a sociedade. Também é influenciada pelos produtos alimentícios mais representativos de cada área. No norte do país, onde a caça é muito praticada, a alimentação baseia-se na carne. No sul, como há grande produção de caju, a castanha é a base de muitos pratos.

O mercado (feira) é aonde se vai para comprar produtos para o dia-a-dia. É também o ponto de encontro dos moradores de aldeias próximas.

As cores vivas das ilustrações de Julia Cairns retratam uma aldeia no leste da África e o caminho para o mercado, ao longo do qual se vêem não só as pessoas, mas também animais e paisagens da região. Entre as sociedades

A NARRATIVA

O texto é narrado em terceira pessoa, e os protagonistas são o menino Adika e sua mãe, *Mama Panya*. As demais personagens são importantes, porque permitem que a conclusão seja positiva (o banquete ocorre ao final do livro) e porque ajudam a compreender como se vive naquela região.

Escrita por Rich e Mary Chamberlin, a história, que poderia se passar em qualquer tempo (não há nenhuma referência temporal explícita), acontece num espaço em que a vida comunitária é bastante valorizada.



mostradas, destacam-se a dos *massais*, representada por Sawandi e Naiman, que cuidam do gado e levam para a casa de Adika duas cuias de couro com leite e um pequeno balde com manteiga. De fato, carne e leite são a base da alimentação dos *massais*, conhecidos por suas vestimentas vermelhas. Eles vivem, sobretudo, na Tanzânia e no Quênia e falam uma língua própria (embora também usem muito o *kiswahili*).

As ilustrações mostram outras cenas comuns na África oriental, como mulheres carregando às costas crianças presas por panos (isso permite que as mães realizem outras atividades ao mesmo tempo que tomam conta dos filhos).

Manifestações culturais

A música é parte das confraternizações e de muitas das manifestações espirituais entre os africanos. Nessa história, destaca-se o *mbira*, instrumento tocado por *Rafiki Kaya* após a refeição coletiva à sombra do baobá.

ATIVIDADES PARA A SALA DE AULA

ANTES DA LEITURA

Recomenda-se contextualizar geograficamente a narrativa, explicando que a história se passa numa aldeia do Quênia. Para falar do aspecto geográfico e histórico, pode-se mostrar aos alunos o mapa impresso no livro, que traz a localização de países como o Quênia, Uganda, a Tanzânia, a Somália, a Etiópia e o Sudão.

Sugere-se que, em seguida, se pergunte aos alunos o que eles sabem sobre aquela região africana e, em particular, sobre o Quênia. É interessante informar que muitos atletas consagrados em competições esportivas por todo o mundo são quenianos. Vários deles venceram corridas no Brasil. O queniano Paul Tergat é o atleta que venceu a corrida de São Silvestre mais vezes (a prova de rua mais tradicional da América Latina, realizada anualmente em São Paulo): ele ganhou cinco vezes.

Sugere-se também explicar aos alunos que, de acordo com estudos recentes, a origem do homem se deu na África, milhões de anos atrás. Segundo essa teoria, ele teria depois migrado para outras regiões do planeta. Por isso, hoje em dia é comum chamar esse continente de “Mãe África”. Muitos europeus demoraram a aceitar essa idéia (que os escritos do cientista Charles Darwin sugeriam já no século XIX), pois queriam que a Europa fosse o berço da humanidade. Convém explicar que, perto do local onde se passa a história de *Mama Panya*, viveram alguns desses nossos ancestrais mais antigos. Compreende-se, assim, que nossa ligação com a África é profunda e que podemos continuar a aprender com aquele continente, como bem mostra o livro.

Recomenda-se ainda indicar num mapa a proximidade entre a África e o Brasil (muito embora a história do livro se passe no lado leste do continente, próximo do oceano Índico, portanto longe do Atlântico).

Sugere-se também verificar se os alunos conhecem o significado de algumas palavras menos usuais que aparecem no livro e, caso surjam dúvidas, explicá-las.

APÓS A LEITURA

a. Perguntar aos alunos se já ouviram o ditado “A união faz a força”. O que eles entendem quando se fala disso? Alguém lembra um caso em que várias pessoas se juntaram para ajudar alguém, resolver um problema ou simplesmente promover uma festa? Quando várias famílias organizam um almoço ou jantar, num fim de semana ou num evento especial, como aniversário, feriado nacional ou comemoração religiosa (Na-



tal, Páscoa, Pessach, Ramadã), é comum que cada uma leve um prato. Isso também acontece na África, porém com mais frequência. Nessas ocasiões, cada um leva um pouco, e ao final, quando se juntam todas as contribuições, o pouco vira muito. Pode-se sugerir que os alunos organizem uma refeição (talvez um simples lanche), não apenas para amigos e familiares, mas também para aqueles que não têm condição de comprar o próprio alimento. É uma boa maneira de demonstrar solidariedade, tão presente na trama do livro.

- b. Propor uma confraternização (ou seja, uma demonstração de fraternidade) entre os alunos: cada criança pode trazer um prato de doce ou salgado, sanduíches ou suco, entre outras coisas, para que todos percebam como é bom compartilhar uma refeição, mesmo que não haja nenhuma razão específica para a comemoração. Explicar que, por exemplo, quando alguém leva uma lata de leite condensado à casa de um amigo para misturá-la com chocolate em pó, ambos estão compartilhando o alimento. Explicar também que o livro nos mostra como a solidariedade fortalece as pessoas: *Mama Panya*, que mal tem dinheiro para alimentar o filho, no fim consegue fazer comida para todos os convidados, graças à colaboração deles. A cooperação é bem-vinda até quando o anfitrião aparentemente não tem problemas financeiros. No Quênia, o princípio da cooperação é tão importante que uma expressão comumente usada é *harambee*, que significa “união, esforço coletivo, ação conjunta”. É comum num dia um grupo ajudar a reformar uma casa ou construir uma clínica e, em outro, ajudar a fazer o plantio ou a colheita, por exemplo.
- c. Explicar aos alunos que a língua mais falada no Quênia é o *kiswahili* e propor que eles imaginem que estão naquele país. Para dizer “Oi” a alguém, podem repetir *Jambo* (pronuncia-se “djambo”). Se querem perguntar como a pessoa vai, dizem *Habári*, e a resposta será *Mzuri*, “Tudo bem”. Já para agradecer um convite, um pedaço de chocolate ou qualquer outra oferta, diz-se *Asante*, “Obrigado”, ou *Asante sana*, “Muito obrigado”. Durante a confraternização proposta acima, pode-se perguntar aos alunos o que diria um africano da aldeia de Adika para agradecer. Em vez de “Obrigado”, ele diria... *Asante* ou *Asante sana*.
- d. Pode-se perguntar às crianças em que ocasiões elas gostam de usar roupas especiais. Da mesma forma que no Brasil elas costumam vestir suas melhores roupas para ir a uma festa, sair no fim de semana ou comparecer a uma cerimônia religiosa, em várias partes da África ir ao mercado é uma ocasião especial. Por isso, Adika põe sua melhor camiseta e seu melhor calção para acompanhar *Mama Panya*.



SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

PARA O PROFESSOR

AIRTON, O. *Aventura no topo da África: trekking no Kilimanjaro*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Narra a jornada do autor rumo ao pico do Kilimanjaro, o ponto mais alto do África.

HAFNER, D. *Sabores da África: receitas deliciosas e histórias apimentadas da minha vida*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

Nascida na África, a autora apresenta diversas receitas associadas a personagens que participaram da história de sua vida.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *A África ensinando a gente*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Narra as experiências vividas por Paulo Freire na África e como elas mudaram a educação naquele continente. A obra apresenta ainda as contradições e as dificuldades encontradas por lá.

HERNANDEZ, L.L. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

Analisa o domínio europeu e a resistência dos nativos até a formação dos Estados nacionais. Mostra a África como um entrelaçamento de diversas culturas e processos históricos, com identidades complexas e, por vezes, contraditórias.

SITES

www.panapress.com

Site com notícias sobre cultura, política e agricultura do continente africano. A agência de notícias Panapress, com sede em Dacar, no Senegal, foi criada por iniciativa da imprensa privada de vários países africanos. O *site* é atualizado diariamente e possui versões em português, inglês e francês.

www.africadebate.iscte.pt

Site de uma associação internacional de pesquisadores que desenvolvem trabalhos sobre a África. Possui versões em português, inglês e francês.

ELABORAÇÃO DO GUIA PAULO DANIEL FARAH (PROFESSOR NA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP, ONDE LECIONA LITERATURA ÁRABE); PREPARAÇÃO NORMA MARINHEIRO; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA, CARMEN OLIVIERI

